

Black Lives Matter: O lugar da fotografia na construção das narrativas negras

Black Lives Matter: the photography's role in the construction of black narratives

Nicole Pinho de Andrade



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10628>

DOI: 10.4000/pontourbe.10628

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Nicole Pinho de Andrade, «Black Lives Matter: O lugar da fotografia na construção das narrativas negras», *Ponto Urbe* [Online], 28 | 2021, posto online no dia 27 julho 2021, consultado o 31 julho 2021.

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10628> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10628>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Black Lives Matter: O lugar da fotografia na construção das narrativas negras

Black Lives Matter: the photography's role in the construction of black narratives

Nicole Pinho de Andrade

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 02/11/2020

Aceitação / Accepted 25/05/2021



Figura 1 - JD Barnes (2020)

Fonte: Conta do Instagram @jdthecombo. Acessado em: 20/07/2020

- 1 Em maio de 2020, quando o tema das notícias parecia ser um só - a pandemia -, um vídeo começou a tomar conta das redes sociais e portais de notícias pelo mundo, chocando pelo seu conteúdo. O vídeo em questão era um relato gráfico de violência e brutalidade policial que resultou na trágica morte do estadunidense George Floyd, um homem negro de 46 anos, em Minneapolis nos Estados Unidos. Em um ato de crueldade, mesmo frente a câmeras e ao olhar de testemunhas, o policial branco Derek Chauvin sufoca George Floyd até a morte publicamente. O policial manteve seu joelho pressionando o pescoço de Floyd, já imobilizado, contra o chão, durante 8 minutos e 46 segundos, recusando-se a sair mesmo quando Floyd diz que não consegue respirar, mesmo sob seus pedidos de ajuda, mesmo com os apelos das testemunhas e nem mesmo quando ele já estava inconsciente. George Floyd foi declarado morto às 9h25 do dia 25 de maio de 2020 (Hill et al. 2020; Furber et al. 2020).
- 2 A brutalidade registrada nas imagens, a violência de Chauvin e a falta de ação dos demais policiais presentes, que não fizeram esforços para socorrer Floyd e impedir que seu colega o sufocasse, gerou comoção e indignação que foram as fagulhas iniciais para a onda de protestos que começou no dia seguinte à morte de Floyd (26 de maio de 2020). A princípio em Minneapolis, e depois se espalhando por todo o país, os protestos ganharam cada vez mais adesão em diversas cidades. As manifestações contra o racismo e a violência policial se alastraram, expandindo-se por pelo menos 281 cidades até a data de 16 de junho (Dave, et al. 2020). Entoando frases como “*Hands up! Don’t shoot*” (Mãos ao alto! Não atire!) e “*I can’t breath*” (Eu não consigo respirar), milhares de manifestantes tomaram conta das cidades, algumas em dias seguidos de protestos, que seguem acontecendo até o momento em que escrevo este ensaio. (Bekiempis et al. 2020; Dave, et al. 2020)



Figura 2 - Kay Hickman (2020)

Fonte: Revista L'Officiel USA. Acessado em: 28/07/2020

- 3 O aumento dos protestos gerou uma grande disseminação de imagens relacionadas a eles, diariamente fotos e vídeos sobre diversos momentos das manifestações nos mais variados estados do país eram compartilhados e curtidos aos montes em redes sociais como o Twitter e Instagram, a maioria delas associadas ao nome de Floyd, mas principalmente a *hashtag Black lives matter*, a qual abordarei mais à frente. Em meio a tantas imagens, sendo reproduzidas a todo momento, algumas se destacaram para mim. Sob um olhar já influenciado pelas leituras e discussões sobre fotografia enquanto tema e enquanto ferramenta de análise, tive meu interesse despertado por um determinado tópico. Por mais que a indignação com a violência sofrida por George Floyd e pelos manifestantes, que enfrentaram repressão policial em suas marchas, sejam um primeiro sentimento à enxurrada de imagens de protestos que inundou as redes sociais - geralmente feitas pelas câmeras de celulares de manifestantes e espectadores -, o olhar singular de fotógrafos sobre as cenas de um momento cercado por tantas emoções se revelou um dos mais sensíveis a toda a situação. Em pouco tempo comecei a acompanhar diversos fotógrafos profissionais pelas redes sociais e percebi um padrão sobre as fotos que mais me chamaram atenção, elas eram normalmente trabalhos de fotógrafos negros, que, em sua maioria, estavam ali enquanto manifestantes tanto quanto fotógrafos.
- 4 A reflexão que tive com o documentário *La ciudad de los fotógrafos*, de Sebastián Moreno (2006), trouxe-me então a vontade de compreender melhor se podemos enxergar as fotografias que vinha acompanhando, também como uma forma de construção de narrativa de um ponto de vista não só militante, mas também daqueles cuja perspectiva muitas vezes é pouco considerada, quando não negada pelas narrativas “oficiais”. Em meio a protestos sobre a importância das vidas das pessoas negras, qual é o papel que exerce um corpo negro que fotografa? Com este ensaio não tenho a intenção de abranger a totalidade dos desdobramentos sociais e históricos das manifestações ainda em curso nos Estados Unidos, assim como não pretendo compreender a extensão total dos trabalhos de todos os fotógrafos participando dessa movimentação social; minha intenção é apenas, frente aos estudos sobre algumas de suas fotografias, enxergar o processo sob a qual um fotógrafo usa seu trabalho na construção de sua própria narrativa e dentro de sua militância, frente ao papel essencial da fotografia de não apenas divulgar, mas também de ser aquela que “arde em seu contato com o real.” (DIDI-Huberman, p. 208, 2012).

- 5 Protestos contra violência racista impulsionados pelo assassinato de pessoas negras não são uma novidade nos Estados Unidos; se em 2020 os protestos em andamento dizem o nome de George Floyd, na última década nomes como Michael Brown, Eric Garner, Tamir Rice, Freddie Gray, entre diversos outros também foram repetidos em voz alta em manifestações cujo pedido era o mesmo: o fim da brutalidade policial e da violência sistemática contra pessoas negras (Davis, 2018). É nesse contexto que surge o movimento *#Black Lives Matter* (*#Vidas negras importam*), em 2013, como resposta à absolvição do assassino do jovem Trayvon Martin, “*Black Lives Matter Foundation, Inc is a global organization (...), whose mission is to eradicate white supremacy and build local power to intervene in violence inflicted on Black communities by the state and vigilantes.*” (Black Lives Matter Foundation, Inc é uma organização global (...) cuja missão é erradicar a supremacia branca e construir poder local para intervir na violência infligida às comunidades negras pelo Estado e vigilantes.) (Via blacklivesmatter.com).

Black Lives Matter is an ideological and political intervention in a world where Black lives are systematically and intentionally targeted for demise. It is an affirmation of Black folks’ humanity, our contributions to this society, and our resilience in the face of deadly oppression.

(Black Lives Matter é uma intervenção ideológica e política em um mundo onde vidas negras são sistematicamente e intencionalmente alvos de morte. É uma afirmação da humanidade das pessoas negras, nossa contribuição para esta sociedade, e nossa resiliência em face a opressão mortal.)



Figura 3 - Anthony B. Geathers (2020)

Fonte: Conta do Instagram @anthonybgeathers. Acessado em: 19/07/2020

- 6 Os fotógrafos analisados neste ensaio tiveram como cenário de suas fotografias os protestos na cidade de Nova Iorque, e este recorte não foi escolhido ao acaso. A minha escolha veio a partir da fotografia de Mark Clennon em frente a Trump Tower (Figura 10). Clennon, assim como J.D. Barnes, Darnell Thompson, Kay Hickman e Anthony B.

Geathers, são fotógrafos profissionais que registraram os protestos de Nova Iorque e cujas imagens produzidas inspiraram este trabalho. A publicação de suas fotos em suas redes sociais ao longo da semana que se seguiu à morte de Floyd e às três semanas seguintes de protestos, se mostram carregadas de significado, não apenas pelas cenas retratadas, mas também pelas legendas em suas redes, normalmente compostas por relatos sobre os protestos, sobre os sentimentos ocasionados pelo momento e sempre em consonância com o pedido de valorização das vidas negras, de busca por justiça e de conscientização por parte dos brancos sobre o seu papel dentro da estrutura racista. Além de terem suas fotografias amplamente curtidas e compartilhadas nas redes sociais, alguns tiveram seus trabalhos publicados em jornais e revistas de prestígio. Clennon, por exemplo, teve uma matéria sobre suas fotografias publicada pela revista Time. A disseminação do trabalho destes fotógrafos tanto pelas mídias sociais quanto pelos meios de comunicação mostra como seus trabalhos são essenciais na documentação e registro dos protestos, das cenas de solidariedade, de dor e também de violência, não apenas pela divulgação, mas pela sensibilidade do olhar individual de pessoas que estão diária e diretamente sendo afetadas e silenciadas pelo racismo.

“In life, we often have times where it’s imperative that we choose a side and be resolute in our decision. That choice is not always easy, safe or comfortable. Truth and justice rarely are. Truth and justice though is a cause always worth fighting for.” JD Barnes (Para a Vogue UK)

(Na vida, frequentemente existem horas em que é imperativo que nós escolhamos um lado e sejamos resolutos em nossa decisão. Essa escolha não é sempre fácil, segura e confortável. Verdade e justiça raramente são. Verdade e justiça são uma causa pela qual sempre vale a pena lutar.)

- 7 Roland Barthes (1990) conceitua várias questões que são importantes para o entendimento de qual é o papel da fotografia não apenas na militância, mas na construção de uma narrativa. Num primeiro momento, em *A mensagem fotográfica*, Barthes diz que “A fotografia (...) é uma mensagem” (1990, p. 11), ele se refere especificamente ao papel da fotografia na imprensa, mas alguns signos se aplicam a esta análise também. Barthes explica que essa mensagem é constituída por “uma fonte emissora, um canal de transmissão e um meio receptor” (1990, p. 11), nesse caso respectivamente os fotógrafos, as redes sociais e o público em geral, que já conhece e tem interesse pelo trabalho desses fotógrafos ou que entre em contato diretamente com as fotografias a partir das *hashtags* e compartilhamentos por amigos ou meios de comunicação. Embora diferente da proposta de imprensa sobre a qual Barthes escreveu, as máximas do autor referentes ao papel das legendas como parte da compreensão da imagem e do meio de transmissão atribuir sentido a ela ainda se mostram verdadeiras. Por meio de *hashtags* como *black lives matter*, *George Floyd*, *black power* (Poder Negro), *protest* (protesto), *Stop killing Black People* (Parem de matar pessoas negras), entre outras, esses fotógrafos deram maior poder de alcance para suas imagens, que agora poderiam ser acessadas por qualquer um que procurasse por uma dessas *hashtags* de interesse nas redes sociais, expandindo o meio de transmissão, mas ainda assim com foco em um público receptor específico. “A emissão e a recepção daquela (imagem) concernem ambas a uma sociologia: trata-se de estudar grupos humanos, de lhes definir motivações, atitudes, e de tentar ligar o comportamento deles à sociedade total de que fazem parte.” (Barthes, p. 11,1990).
- 8 Tendo isso em vista, compreendemos que a mensagem recebida por esse público vai ser interpretada não apenas a partir da mensagem gráfica e da realidade ali representada,

mas também da mensagem na legenda escrita pelo fotógrafo e que irá acrescentar significado para o entendimento da proposta da fotografia ali exposta. Em uma sequência de fotografias dos protestos de 30 de maio, Anthony B. Geathers comenta em sua legenda: “*Black people between the youth and the elders came out and looked the pigs in the eye and demanded justice. What a time we’re in right now. George Floyd’s death was the last straw that ignited the rage that we as a people have had for hundreds of years. Black people have had enough.*” (Pessoas negras entre jovens e idosos saíram e olharam os porcos nos olhos e demandaram justiça. Em que momento estamos agora. A morte de George Floyd foi a última palha que inflamou a raiva que nós como pessoas temos tido por centenas de anos. Pessoas negras já tiveram o suficiente.). Em outra foto, em seu Instagram (@khickmanphotography), Kay Hickman ressalta quem são aqueles lutando por mudanças nos protestos e abre espaço para contar a história de uma mãe que está com sua filha pequena na fotografia. Como previsto por Barthes, a legenda, o texto, também fazem parte da mensagem em conjunto com a imagem.

- 9 Mas a imagem em si também tem seu próprio poder de passar uma mensagem. A partir do paradoxo da fotografia, Barthes (1990) explica que a imagem é feita por duas mensagens: a primeira, a mensagem denotada que ele chama de *analogon*, que nada mais é que a representação do real contida na imagem; a segunda é a mensagem conotada, que é a forma como a sociedade vai ler a imagem, e, portanto, presente principalmente na emissão e na recepção da imagem.

O paradoxo fotográfico seria então a coexistência de duas mensagens, uma sem código (seria o análogo fotográfico) e outra com código (seria a "arte" ou o tratamento ou a "escritura" ou a "retórica" da fotografia); estruturalmente, o paradoxo não é evidentemente a colusão de uma mensagem denotada e de uma mensagem conotada: provavelmente é esse o status fatal de todas as comunicações de massa; é que a mensagem conotada (ou codificada) se desenvolve aqui a partir de uma mensagem sem código. (BARTHES, p. 13, 1990)

- 10 O código mencionado por Barthes faz parte da construção narrativa e pode ser percebido a partir das escolhas de enquadramento, como na fotografia em que, de frente para a multidão, JD Barnes centraliza o cartaz escrito “*Revolt or Die*” (figura 4) (revolte-se ou morra), mas ao mesmo tempo mostra os outros cartazes com mensagens e com o rosto de George Floyd ao seu entorno, dando um contexto ao cartaz centralizado. A escolha por uma parte do protesto onde se encontram majoritariamente pessoas negras também é parte da construção de código desta imagem, e até mesmo a escolha por um filtro em preto e branco pode ser entendida como parte da dramaticidade da cena e forma de intensificar o sentimento sobre a imagem.
- 11 Neste caso podemos concluir, nos termos de Barthes, que essas fotos apresentam uma forma específica de conotação, a “conotação ideológica, a que introduz na leitura da imagem razões ou valores. É uma conotação forte, exige um significante muito elaborado, (...) reencontro de personagens, desenvolvimento de atitudes, constelação de objetos; (...) a denotação, ou sua aparência, é uma força impotente a modificar as opiniões políticas: (...) a política é o que



Figura 4 - JD Barnes (2020)

Fonte: Conta do Instagram @jdthecombo. Acessado em: 20/07/2020

- 12 permite todas as linguagens.” (Barthes, p. 17, 1990). No caso destes fotógrafos que são também militantes essa conotação das imagens é de grande importância na transmissão de sua mensagem e na escolha de como narrar os acontecimentos. Assim como para os fotógrafos chilenos do documentário de Moreno, que se dedicaram a registrar as dolorosas imagens dos protestos e da repressão durante a ditadura de Pinochet, os fotógrafos dos protestos de Nova Iorque também se utilizam de suas fotografias como armas contra um sistema de opressões, como forma de mostrar ao mundo o que está acontecendo sob sua própria perspectiva e amplificar a voz daqueles que protestam. Dentro de suas grandes disparidades temporais, políticas e sociais e de suas semelhanças, o trabalho dos fotógrafos da ditadura chilena e dos fotógrafos negros que pedem o fim da violência racista tem uma questão importante em comum, a crença no poder de construir uma narrativa capaz de gerar mudanças, a partir da fotografia.

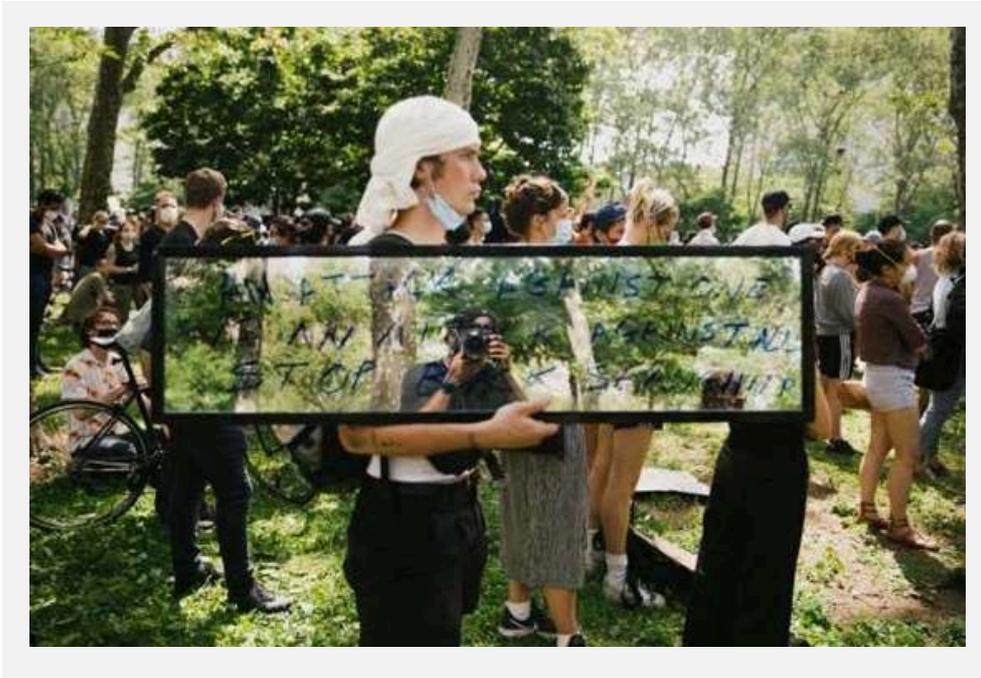


Figura 5 – Mark Clennon (2020)
Fonte: The New Yorker. Acessado em: 30/06/2020

- 13 Ainda pensando sobre o papel destes fotógrafos dentro das manifestações, enquanto profissionais e militantes, de acordo com o documentário de Sebastian Moreno, podemos pensar em seu papel referente às pessoas com as quais dividem os protestos. No documentário, fotógrafos da AFI (*Asociación de fotógrafos independientes*) falam sobre entenderem que sua presença era também uma forma de proteção para aqueles que protestavam, a câmera dava a eles um poder sobre a imagem, sobre a representação e divulgação dos acontecimentos, e conseqüentemente sobre a exposição da violência exercida pelos agentes do governo sobre as pessoas. “A objetividade da fotografia confere-lhe um poder de credibilidade ausente de qualquer obra pictórica.” (Bazin, p. 22, 1991), os protestos por todos os Estados Unidos têm a violência policial como um de seus principais temas, no entanto a escalada de violência contra os manifestantes não pareceu diminuir na medida em que os protestos aumentavam, faz parte do papel desses fotógrafos narrar os protestos em sua totalidade e a objetividade da fotografia, descrita por Bazin, seria uma de suas principais ferramentas nesse papel de denúncia e de proteção.
- 14 Com esta função de denúncia do fotógrafo num espaço de protesto, diversas fotografias registraram violência policial e prisões arbitrárias, em uma sequência de fotos em seu Instagram, em que um homem negro é imobilizado por policiais (figura 6), Darnell Thompson diz já ter visto muitas prisões assim nesses dias e ele mesmo já ter passado por algo parecido em sua vida. Mark Clennon, também em sua conta do Instagram, mostra a prisão de seus amigos por meio de suas fotos (figuras 7 e 8) e escreve na legenda:

The NYPD violently arrested my friends in Times Square on May 30th. They were peacefully protesting and never posed a threat to any officer in any way. The only reason they were detained was because the NYPD decided to escalate to violence in that moment.

I saw them from across the street. I blindly ran over and entered the scuffle. I was pushed, and I pushed back. They yelled, and I yelled back. As an artist, I never

expected to have my own hand in the frame of my images, but instinctively, I never took my finger off the shutter.

(O NYPD (departamento de polícia de Nova Iorque) violentamente prendeu meus amigos na Time Square em 30 de maio. Eles estavam protestando pacificamente e nunca representaram ameaça para nenhum dos oficiais de nenhuma forma. A única razão pela qual eles foram detidos foi porque a NYPD decidiu aumentar a violência naquele momento. Eu os vi do outro lado da rua. Eu corri cegamente e entrei na briga. Eu fui empurrado, e empurrei de volta. Eles gritaram, e eu gritei de volta. Como um artista, eu nunca esperei ter a minha própria mão nos quadros das minhas imagens, mas instintivamente, eu nunca tirei meu dedo do obturador.)



Figura 6 - Darnell Thompson (2020)

Fonte: Conta do Instagram @darnopolis. Acessado em: 20/07/2020



Figuras 7 - Mark Clennon (2020)

Fonte: Conta do Instagram @mark.c. Acessado em: 19/07/2020



Figuras 8 - Mark Clennon (2020)

Fonte: Conta do Instagram @mark.c. Acessado em: 19/07/2020

- 15 Sob um olhar sensível - mas também envolvido - do fotógrafo, as imagens de cenas de violência são capazes de mostrar a inconformidade, a dor e a indignação daqueles nelas registrados, ao mesmo tempo que confere a ele um papel de legitimação da imagem a ser veiculada e o torna um agente capaz de despertar naqueles que verão as fotografias esses mesmos sentimentos (Baseado nos relatos do documentário de Sebastian Moreno). “Sejam quais forem as objeções do nosso espírito crítico, somos obrigados a

crer na existência do objeto representado, literalmente re-presentado, quer dizer, tornado presente no tempo e no espaço. A fotografia se beneficia de uma transferência de realidade da coisa para a sua reprodução.” (Bazin, p. 22, 1991), mesmo que não se tenha ido a nenhuma das manifestações, mesmo não se estando no mesmo país, a credulidade que a imagem desperta nos desperta também os sentimentos por ela transmitidos.

- 16 Apesar dos temas e métodos distintos, Claudia Andujar pode ser considerada um importante expoente do conceito de um fotógrafo militante, que por sua representação do real, a partir de sua própria ótica, representa pessoas e tenta despertar empatia e interesse nos receptores de suas fotografias. Claudia levou a causa do povo Yanomami para o mundo, e conseguiu a partir disso resultados palpáveis em forma de leis e de demarcação de terras, como ela contou em entrevista a Paulo César Boni em 2010. Por mais que não pareçam temas relacionados, é possível compreender sobre a importância da fotografia na militância pensando a trajetória de Cláudia, que por meio de um livro de fotografias expôs a causa Yanomami e, com foco nesse objetivo, escolheu não mostrar certas realidades do povo Yanomami em seu livro, pois sabia que a recepção do público pelo mundo poderia não ser tão boa e atrapalhar na obtenção de simpatia popular pela causa. (Boni, 2010 Quando se fala em ativismo na fotografia é importante compreender que “A fotografia fragmenta a realidade” (Navas, p. 23, 2017), portanto os fragmentos de realidade que se escolhe mostrar fazem parte da construção da narrativa e estão diretamente relacionados com a totalidade da mensagem de Barthes, a fonte, ou seja a escolha de ângulos e cenas e de quais fotografias serão divulgadas, o canal por onde será emitida a mensagem e o público receptor, que também tem grande influência na produção da imagem a ser emitida. “Nenhuma imagem é (...) inadvertidamente lida, ela se insere num contexto, num amplo sistema de significação composto por estruturas de sentido e semiótica próprias, e é sob este ponto de vista que deve ser lida.” (Camargo, 1999 apud Contani et al., p. 258, 2006).
- 17 “O fotógrafo que busca a imagem como meio de comunicação deve conhecer os limites da fotografia (...)” (Contani et al., p. 258, 2006) mas também deve ter consciência do poder incendiário das imagens quando em contato com o real, como disse Didi-Huberman. O autor descreve as imagens fotográficas como as cinzas, pois foi o que restou do contato com as chamas e ele diz isso, pois as imagens já não se encontram mais no presente. Mesmo em imagens tão recentes, com pouco mais de um mês ou dois, é impossível negar a afirmação de Didi-Huberman, todas as fotografias, assim como os protestos que retratavam, já não se encontram mais no presente, já não se encontravam quando pela primeira vez seus autores a exibiram ao público em suas redes sociais. Mas um momento como esse, de erupção social, traz novo sentido à outra afirmação do autor “saber olhar uma imagem seria, de certo modo, tornar-se capaz de discernir o lugar onde arde, o lugar onde sua eventual beleza reserva um espaço a um “sinal secreto”, uma crise não apaziguada, um sintoma.” (Didi-Huberman, p. 215, 2012) e nesse caso, o papel do fotógrafo é, em meio à multidão e aos acontecimentos que se sobrepõem, saber distinguir e mostrar “onde arde” e guiar o olhar de seu receptor.



Figura 9 - JD Barnes (2020)

Fonte: Conta do Instagram @jdtthecombo. Acessado em: 20/07/2020

“From Minneapolis to New York to LA to Atlanta and other states, the fire burns as the youth and the elders express themselves by any means and demand that this country changes. More and more, we are going to have real conversations about the issues of systemic white supremacy in this country and world and those in power will be held accountable.” Anthony B Geathers (Para a Vogue UK)

(De Minneapolis, a New York, a Los Angeles, a Atlanta e outros estados, o fogo queima quando a juventude e os idosos se expressam por qualquer meio e demandam que este país mude. Mais e mais, nós vamos ter conversas reais sobre os problemas da supremacia branca sistêmica neste país e no mundo e aqueles no poder serão responsabilizados.)

- 18 Foi seguindo o sentimento descrito por Didi-Huberman que escolhi as fotografias que ilustrariam este ensaio. Foi também um dos momentos mais inquietantes, em uma pré-seleção dentre a grande quantidade de imagens às quais tive acesso e a escolha foi difícil; questioneei-me se escolheria pelo tema ou pela estética das imagens, se seriam apenas coloridas ou em branco e preto. Mas fui levada a escolher as imagens “que ardam”, que transmitiam e narravam a realidade, que eram capazes de construir sentimentos sobre essas narrativas. Percebi, por exemplo, como a repetição de símbolos poderia trazer sensações diferentes em fotografias diferentes, como a bandeira dos Estados Unidos, que em suas cores vibrantes e cercada do dourado da Trump Tower, se apresenta desfocada diante do rapaz negro de punhos cerrados e erguidos, centralizado na foto (figura 10). A mesma bandeira, em preto e branco e customizada com uma das últimas frases proferidas por George Floyd, parece melancólica quando carregada pelo rapaz de rosto coberto, mas ao mesmo tempo cheia de significado, de revolta e de dor (figura 11).



Figura 10 - Mark Clennon (2020)
Fonte: Conta do Instagram @mark.c. Acessado em: 19/07/2020



Figura 11 - Anthony B. Geathers (2020)
Fonte: Conta do Instagram @anthonybgeathers. Acessado em: 19/07/2020

- 19 Seria impossível abarcar a totalidade de quatro semanas de protestos em um só ensaio e em tão poucas fotografias; no entanto minha tentativa foi a de compreender não o todo, mas “descobrir o universal no particular” (Navas, p. 21, 2017) e entender como os fotógrafos escolheram retratar a diversidade dentro de um movimento tão grande e diversificado, além de selecionar imagens que tivessem a capacidade de simbolizar as escolhas narrativas de cada fotógrafo sobre suas vivências e observações nos protestos da cidade de Nova Iorque. “Nisto, pois, a imagem arde. Arde com o real do que, em um dado momento, se acerçou (...). Arde pelo desejo que a anima, pela intencionalidade que a estrutura, pela enunciação, inclusive a urgência que manifesta (...). Arde pela destruição, pelo incêndio que quase a pulveriza (...). (Didi-Huberman, p. 216, 2012).
- 20 Construir uma narrativa a partir das imagens fotográficas mostra-se então como um desafio, pois “a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante.” (Samain, p. 158, 2012). O fotógrafo tem em mãos não apenas as responsabilidades de representação e de divulgação de um fenômeno sob seu olhar, mas também um fluxo contínuo e extenso de pensamentos e significações que serão carregados e transmitidos por suas imagens (Samain, 2012). O fotógrafo cria a sua narrativa a partir de seu próprio olhar e se envolve de forma dinâmica com sua criação, o corpo negro que fotografa também é um corpo vivo, presente em sua criação, presente em sua ideologia e presente nos protestos enquanto um militante com uma função para além do presente. Como dito por Samain, a imagem fotográfica tem o potencial de nos convocar a olhar para a nossa história e nosso destino, ao se colocar em meio aos acontecimentos e escolher como narrá-los; estes fotógrafos mostram pelas imagens do presente uma relação com o passado e um caminho sobre como a história será contada no futuro. Eles se utilizam da potencialidade da fotografia de “inventar um olhar que defenda outra dicção” (Navas, p. 32, 2017) e construir novas narrativas, que não venham dos lugares de sempre, mas de olhares que por muitos anos foram ignorados e deem voz àqueles que vêm sendo silenciados.

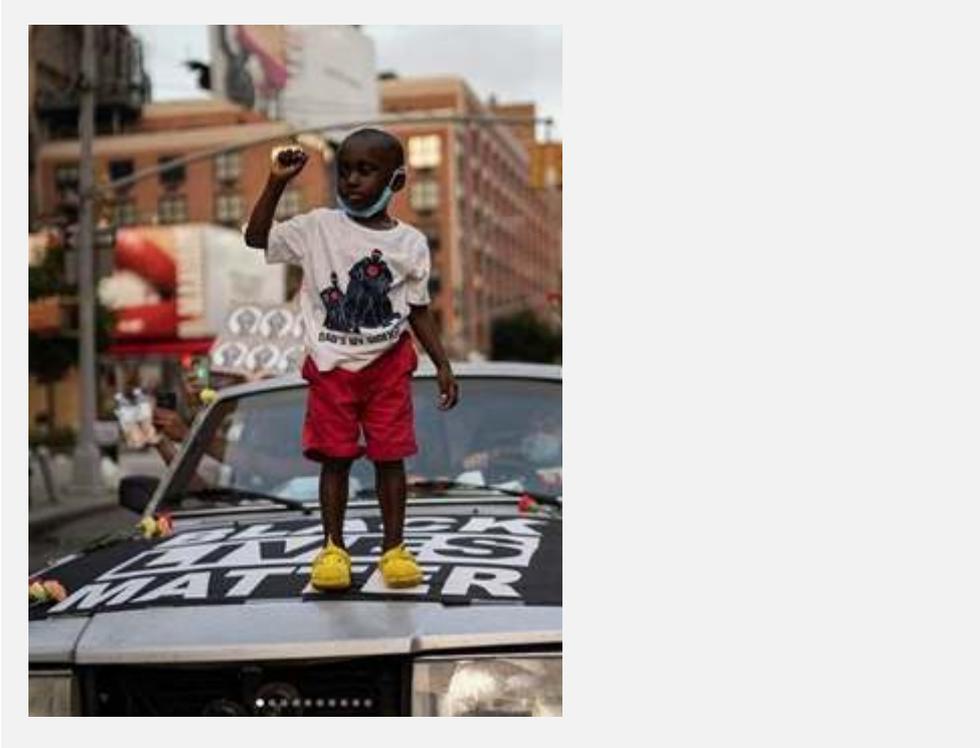


Figura 12 – Darnell Thompson (2020)

Fonte: Conta do Instagram @darnopolis. Acessado em: 20/07/2020

- 21 Em outras palavras, ao registrar o que Turner (Rodrigues, 1991) qualificaria como *Uma* experiência, de toda uma geração, que neste momento vive um drama social com poder de criar definições, em que “(...) os grupos avaliam a sua situação atual: a natureza e a força de seus laços sociais, o poder de seus símbolos, a eficácia de seus controles morais e legais, a sacralidade de suas tradições (...) e assim por diante.” (Turner apud Rodrigues, p. 09, 1991) os fotógrafos criam referências sobre os acontecimentos presentes e criam memórias inscritas dentro delas e sobre elas (Samain, 2012) ao mesmo tempo que ajudam na produção de uma “autobiografia” coletiva, um meio pelo qual um grupo cria sua identidade ao contar a si mesmo uma história sobre si mesmo (...) (Myerhoff, 1979 apud Rodrigues, p. 08, 1991) dentro da comunidade negra. E a partir de sua divulgação pelo mundo criam não apenas informação, mas fazem uso da fotografia como um lugar de crítica e ajudam a gerar registros do passado, mas também “inquietações para o futuro” (Samain, p. 161, 2012).

“The truth is, we don't want to have to be on the streets protesting. We don't want to have to risk contracting COVID just to get our point across. This is the burden that we have to carry simply because we're Black in America. We don't have the luxury of sitting idly, enjoying the first warm days of June.” Mark Clennon (L'official USA)

(A verdade é, nós não queremos ter que estar nas ruas protestando. Nós não queremos ter o risco de contrair COVID só para passar nosso ponto de vista. Isso é um fardo que nós temos que carregar simplesmente porque nós somos negros na América. Nós não temos o luxo de ficar sentados à toa, aproveitando os primeiros dias quentes de junho.)



Figura 13 – JD Barnes (2020)

Fonte: Conta do Instagram @jdthecombo. Acessado em: 20/07/2020



Figura 14 – Mark Clennon (2020)

Fonte: Conta do Instagram @mark.c. Acessado em: 19/07/2020

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica. **O óbvio e o obtuso: ensaios críticos**. Tradução: Lea Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

BAZIN, André: **O Cinema – Ensaios**. São Paulo: Editora Brasiliense. [1985] 1991.

Black Lives Matter. Disponível em <<https://blacklivesmatter.com/>>. Acesso em 30 de julho de 2020.

BONI, Paulo Cesar. Entrevista Claudia Andujar: De passado turbulento a ativista com causa. *Discursos fotográficos*, Londrina, v.6, n.9, p.249-273, jul./dez. 2010. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/8121/7036>>. Acesso em 20 de julho de 2020. [dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2010v6n9p249](https://doi.org/10.5433/1984-7939.2010v6n9p249).

BEKIEMPIS, Victoria; BENNER, Katie; BOGEL-BURROUGHS, Nicholas; BURCH, Audra D.S.; CORONA, Jo; CRAMER, Maria; DAVIS, Julie; DEB, Sopan; FAUSSET, Richard; FULLER, Thomas; GLUECK, Katie; GOLDMAN, Russell; ELIGON, John; FERNANDEZ, Manny; FURBER, Matt; HABERMAN, Maggie; HAUSER, Christine; HEALY, Jack; KAPLAN, Thomas; LEVENSON, Michael; LEVIN, Dan; MACFARQUHAR, Neil; MELZER, Eric; MERVOSH, Sarah; PELTIER, Elian; RASHBAUM, William K.; ROGERS, Katie; SANDOVAL, Edgar; SANTORA, Marc; SCHWEBER, Nate; TAYLOR, Derrick Bryson; MARTINEZ, Marina Trahan; VIGDOR, Neil; WOLGELENTER, Mike; ZHONG, Raymond. Absolute Chaos' in Minneapolis as Protests Grow Across U.S. **The New York Times**, Nova Iorque, 29 de maio 2020. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2020/05/29/us/floyd-protests-usa.html>>. Acesso em 20 de julho de 2020.

CLENNON, Mark. The Story Behind the Photograph of Protesters Outside of Trump Tower That Resonated Around the World. *Time*. Nova Iorque, 2 de junho de 2020. Disponível em <<https://time.com/5846390/trump-tower-protest-photo/>>. Acesso em 20 de julho de 2020.

CONTANI, Miguel; LOPES, Dirce; TOSETTO, Guilherme: Elementos de identidade cultural Yanomami nas fotografias de Claudia Andujar. *Discursos fotográficos*, Londrina, v.2, n.2, p. 255-275, 2006. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1488/1234>>. Acesso em 20 de julho de 2020. [dx.doi.org/10.5433/1984-7939.2006v2n2p255](https://doi.org/10.5433/1984-7939.2006v2n2p255)

DAVE, Dhaval; FRIEDSON, Andrew; MATSUZAWA, Kyutaro; SABIA, Joseph; SAFFORD, Samuel. Black Lives Matter Protests, Social Distancing, and COVID-19. **NBER Working Paper Series**, Cambridge, n. 27408, 2020. Disponível em <https://www.nber.org/system/files/working_papers/w27408/w27408.pdf>. Acesso em 20 de julho de 2020. DOI 10.3386/w27408.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018. ISBN: 9788575596128

DIDI-HUBERMAN, G. Quando as imagens tocam o real. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, [S. l.], p. 206-219, 2012. Disponível em <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15454>>. Acesso em 21 de julho de 2020.

FURBER, Matt; BURCH, Audra D. S.; ROBLES, Frances. What Happened in the Chaotic Moments Before George Floyd Died. **The New York Times**. Nova York, 29 de maio 2020. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2020/05/29/us/derek-chauvin-george-floyd-worked-together.html>>. Acesso em 20 de julho 2020.

GASKINS, Ty. 9 Black Photographers Capture the Power of Protest. **L'Officiel USA**. Nova Iorque, 4 de junho 2020. Disponível em <<https://www.lofficielusa.com/politics-culture/9-Black-Photographers-Capture-Power-of-Protest>>. Acesso em 28 de julho de 2020.

HILL, Evan; TIEFENTHÄLER, Ainara; TRIEBERT, Christiaan; JORDAN, Drew; WILLIS, Haley; STEIN, Robin. 8 Minutes and 46 Seconds: How George Floyd Was Killed in Police Custody. **The New York Times**. Nova Iorque, 31 de maio 2020. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2020/05/31/us/george-floyd-investigation.html>>. Acesso em 20 de julho de 2020.

MORENO, Sebastián. **La ciudad de los fotógrafos**. Chile, 2006.

NAVAS, Adolfo. **Fotografia e poesia (afinidades eletivas)**. São Paulo: Ubu, 2017. ISBN 978-85-92886-31-8

RIEDERER, Rachel. Scenes From The George Floyd Memorial In Brooklyn. *The New Yorker*. Nova Iorque, 5 de junho 2020. Disponível em <<https://www.newyorker.com/culture/photo-booth/scenes-from-the-george-floyd-memorial-in-brooklyn>>. Acesso em 30 de junho de 2020.

RODRIGUES, Herbert. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência (primeira parte), de Victor Turner. **Cadernos De Campo**, São Paulo 1991, n. 13, p. 177-185. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50265/54378>>. Acesso em 21 de julho de 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p177-185>

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**, Goiânia, n. 1, p. 151-164, 2012. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/23089>>. Acesso em 21 de julho de 2020. DOI: <https://doi.org/10.5216/vis.v10i1.23089>.

Vogue. 10 Black Photojournalists Give Personal Accounts From The US Protests. *Vogue UK*. Londres, 04 de junho de 2020. Disponível em <<https://www.vogue.co.uk/arts-and-lifestyle/article/photojournalists-protests>>. Acesso em 28 de julho de 2020.

RESUMOS

O presente trabalho tem como objetivo uma reflexão acerca do lugar que ocupa um fotógrafo negro, enquanto tal e militante, que registra uma movimentação social antirracista da qual ele faz parte. A partir da análise de fotografias, divulgadas e disseminadas pelas redes sociais, dos protestos desencadeados pelo assassinato do norte-americano George Floyd, um homem negro, por um policial branco na cidade de Minneapolis, Estados Unidos. Para isso, foram observados trabalhos desenvolvidos por cinco fotógrafos negros nas manifestações ocorridas na cidade de Nova Iorque ao longo do mês de junho de 2020, pensando as simbologias e signos denotados nesses registros e o seu papel como ferramenta de comunicação. Essa análise foi possibilitada pela presença ativa desses fotógrafos nas redes sociais e a popularidade das *hashtags* relacionadas ao tema, que permitiram acesso não apenas às fotografias, mas também aos relatos e opiniões dos fotógrafos.

The present paper aims to reflect on the place occupied by a black photographer, as such and as a militant, documenting an anti-racist social movement they are part of. By analyzing photographs, divulged and disseminated on the social media, of the protests initiated in 2020 with the murder of the North American George Floyd, a black man, by a white police officer in the city of Minneapolis, United States. Thereunto, the work developed by five black photographers, in New York's june manifestations, was observed and analyzed, as well as the denoted symbologies and signs in these registers, in their role as a communication instrument. This examination was only possible by the active presence of such photographers on social

media, along with the popularity of the related hashtags, which allowed access not only to the photographs but also to the photographer's statements and opinions.

ÍNDICE

Keywords: black lives matter protests, racism, photography, militant photographer

Palavras-chave: protestos black lives matter, racismo, fotografia, fotógrafo militante

AUTOR

NICOLE PINHO DE ANDRADE

Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo

São Paulo, São Paulo, Brasil

E-mail: nicole.andrade@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8841-2939>